

## **Cidade Maravilhosa: discursos entre o imaginário e o mito**

Priscilla Oliveira Xavier  
IPPUR/UFRJ  
priscillaxavier@gmail.com

### **Introdução**

As cidades são palcos, atores, imagem e reflexo de uma complexa trama entre as dinâmicas econômicas, políticas, sociais e culturais. Acerca da produção e gestão dos espaços urbanos, a atualidade tem como marca distintiva uma arguciosa elaboração discursiva, ao sabor dos imperativos de uma ordem econômica mundial.

O Rio de Janeiro entra para o circuito das grandes cidades mundiais, no âmbito de uma disputa pela atração de capitais. O título de Cidade Maravilhosa é captado por atores diversos como um enredo que inspira e legitima ações variadas identificando, distinguindo e qualificando a cidade. Nos discursos sobre o Rio de Janeiro, a maravilha incita a dissolução de uma suposta divisão entre o real e o imaginário, em que ganham peso apelos míticos e o viés performático, animando atores à criação e apropriação simbólica do espaço urbano. Com efeito, simulam na população uma aura identitária e propagam para o mundo paisagens admiráveis de uma cidade encantadora.

No presente trabalho pretende-se remontar uma origem e percurso do imaginário da Cidade Maravilhosa, esboçando uma leitura crítica da incorporação da ideia como título do Rio de Janeiro. Avançando para a atualidade, a intenção é analisar ações e discursos produzidos por diferentes atores sobre a Cidade Maravilhosa. Ao destacar o caráter simbólico, mitológico e performático, a análise expressa a vitalidade do mito nas sociedades pós modernas, e reitera na produção discursiva o teor e potência política.

### **A origem da Cidade Maravilhosa**

Sem quaisquer pretensões puristas ou excessivo apelo essencialista, nos anima buscar o título de cidade Maravilhosa na trajetória histórica e simbólica do Rio de Janeiro.

Cabe neste investimento a venial confissão de que a explicação que construímos não é mais ou menos legítima que outras que já foram, estão sendo ou que ainda serão construídas. E que tal explicação, por inúmeras construções possíveis, tem contornos de uma narrativa histórica, apresentando alguma dose de variabilidade, tornando-se mais ou menos atrativa conforme quem constrói o discurso.

Retornamos ao final do séc. XIX, esboçando um contexto em que a efervescência cultural, imbuída pela ótica contemporânea, animou cronistas a um movimento paradoxal. Nesse movimento, a produção de crônicas na cidade deu lugar à cidade crônica. Especialmente por conta do impulso da imprensa livre, a cidade deixa de ser o objeto, palco ou cenário do que se conta e passa a ser o sujeito, sendo contada. E justamente nessa mudança de foco dos cronistas é que pinçamos o aparecimento da referência ao Rio de Janeiro como a Cidade Maravilhosa, na crônica de Coelho Neto.

Em "A Cidade Maravilhosa", Coelho Neto conta a história de Adriana, uma professora da povoação triste em Barretos. Entre os dilemas de se dedicar aos estudos para alçar boa carreira e as cobranças do pai para esquecer os delírios e se arranjar com casamento e trabalho, Adriana arranja um contato político que lhe agiliza uma vaga como professora, em um povoado distante. Morando em um quarto de pensão, conhece um pintor viajante. Conversam, se enamoram e numa noite de maior entrosamento o pintor a leva pela mão para a beira de uma estrada, alude para um fogaréu longínquo e exclama em tom teatral:

"- Linda cidade.

- Onde? perguntou Adriana. E ele apontou o horizonte.

- Ali, pois então? Cidade Maravilhosa! Cidade do sonho, cidade do amor." (NETTO, 1928 ,p.17)

A crônica logrou significado no inconsciente coletivo pela exaltação do Rio de Janeiro como cidade maravilhosa. Mas a história não termina na cena de magia e encantamento. O desfecho ignorado, de cunho dramático, é o sumiço do pintor, que deixa Adriana angustiada. Decidida, na companhia de uma amiga vai até a Cidade Maravilhosa, e de perto se depara tão somente com os vestígios da queimada que vira encantada ao longe. Assombrada pela memória da noite de magia e sedução, se põe a chorar, sendo confortada pela amiga que a leva de volta para casa.

A captura do título Cidade Maravilhosa da crônica de Coelho Neto sugere que o pictórico é o que confere magia, que alimenta o imaginário, que faz sonhar, que faz amar. E que a realidade, ao contrário, assombra. Essa segunda parte, talvez menos empolgante, nunca ganhou expressão no inconsciente popular. O caso é que a cidade do Rio de Janeiro se consagrou como maravilhosa, a despeito da cultura letrada ser uma realidade pouco abrangente e o autor da crônica uma *persona non grata* à época.

As crônicas parnasianas de Henrique Maximiliano Coelho Neto eram caracterizadas pela pompa e formalismo, sem regular artificios retóricos. Inspirado no consagrado estilo literário francês, adaptava as paisagens a textos, primando por elementos como a poesia, ritmo, harmonia e beleza. Em "A Cidade Maravilhosa" o cronista descreve Barretos como uma povoação triste, de casas espaças, cujos ruídos eram o de sapos, grilos e mugidos, pintando uma paisagem na qual, em suas palavras, os sonhos eram desfeitos. Já o Rio de Janeiro, embora não seja descrito, era vislumbrado em oposição a Barretos, deixando a composição da cidade a cargo do imaginário.

A obra de Coelho Neto era saboreada e exaltada pelos ávidos e requintados leitores de crônicas da fina flor da sociedade carioca. Escusado dizer que este apreço não era dos mais abrangentes, e pertinente lembrar que o período era marcado por tensões políticas que reverberavam no plano cultural. Ousando uma síntese, a cultura era um campo de disputas no qual de um lado se alinhavam ideais inspirados na arte clássica e conservadora, e de outro lado ideais de rupturas artísticas que flertavam com a valorização de uma identidade nacional.

Como capital da República, o Rio de Janeiro era tanto o palco quanto o elemento privilegiado para as disputas políticas e culturais protagonizadas por conservadores e modernistas. E pela junção de elementos e dinâmica do contexto é de se intuir que Coelho Neto tenha se tornado um alvo certo para críticas. A tomar pelos hábitos que cultivava, conteúdo e forma do que produzia, e público ao qual se destinava, pesavam-lhe as acusações de que seu trabalho era tão casado com o estilo que se divorciava da literatura como elemento de transformação social, uma vez que todo capricho na forma não incorporava como questão o político, o social ou o moral.

Na amálgama entre as pelejas políticas e a pujança cultural, a Cidade Maravilhosa acabou sendo adaptada para o rádio, veículo de maior difusão, de conteúdo acessível à

população pouco familiarizada às letras. Em um programa de rádio chamado "Crônicas da Cidade Maravilhosa" César Ladeira lia textos escritos por Genolino Amado. O programa alcançou e agradou grande público, em nível nacional, e seu título e conteúdo envaidecia e inspirava a capital da república (Costa, 2001, p.143).

Inspirado no título do programa de rádio, no carnaval de 1935 a Cidade Maravilhosa novamente ganha o inconsciente coletivo, desta vez numa marcha composta por André Filho, gravada pelas irmãs Carmem e Aurora Miranda. O lançamento da música Cidade Maravilhosa ocorreu na "Festa da Mocidade", sem grande repercussão. E no carnaval do ano seguinte foi inscrita no Concurso de Carnaval da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, alcançando o segundo lugar. Na letra da música de André Filho, a Cidade Maravilhosa é clamada repetidas vezes, cheia de encantos mil, como coração do Brasil. E no miolo menos cantado a cidade é descrita como berço do samba e lindas canções, jardim florido de amor e saudade, terra que a todos seduz, ninho de sonho e de luz. Antes do inédito, apreende-se o amor e o sonho como elementos recorrentes, e nesta altura já característicos da Cidade Maravilhosa.

Em 1964 o Governador Carlos Lacerda, que além de político era empresário e jornalista, escolheu a marcha "Cidade Maravilhosa" como o hino oficial do Estado da Guanabara<sup>1</sup>. Por tal ato é de se suspeitar que Carlos Lacerda tivesse consciência do potencial simbólico e da articulação do imaginário e do inconsciente popular como instrumentos para o exercício do poder, embora não seja tarefa fácil encontrar uma declaração objetiva como prova irrefutável de sua intenção. De todo modo, o ofício de jornalista e empresário do ramo da notícia lhe furtam o benefício da dúvida quanto a sua ingenuidade ao tornar uma marcha de carnaval um hino.

A rigor, um hino e uma marcha de carnaval, em estilo e função, são produções musicais que guardam distinções. Os hinos se instituem entre os séculos XIX e XX, com a emergência de países independentes na Europa. Com estilo musical típico e tom solene, um hino tem como função política sintetizar a nação, forjando a união ao glorificar histórias e enaltecer a cultura. Já as marchas de carnaval, consagradas no

---

<sup>1</sup> Um hino alternativo fora composto por Manuel Bandeira, em comemoração ao quarto centenário da cidade. Nele a Guanabara é descrita por sua geografia, lembrada pela fundação de Estácio de Sá e reiterada como coração do Brasil.

Brasil mais expressivamente a partir de 1920, são inspiradas nas marchas populares portuguesas. Uma marcha carnavalesca tem tom popular, melodia simples, letras burlescas e a função de animar um período de festa do calendário cristão.

O caso é que o Rio de Janeiro adotou como hino<sup>2</sup>, instrumento de coesão e consagração de uma identidade, uma marcha de carnaval, cujo repertório incorpora periodicidade, festejos populares, fantasias, cultos, deuses e encantos. Neste embalo já pode-se consagrar fluida a relação entre a realidade e a fantasia que sintetizam a cidade do Rio de Janeiro, advertida e exaltadamente Maravilhosa.

O trajeto da Cidade Maravilhosa da sensibilidade individual para o inconsciente coletivo, e do inconsciente coletivo para um discurso oficial nos baliza à reflexão da maravilha como uma fonte de inspiração para narrativas míticas acerca do que a cidade promete. Nos ilumina a perspectiva da maravilha enquanto termo que, adaptado no mais das vezes à literatura e cinema, qualifica o registro em que o sobrenatural se une de forma harmoniosa à realidade para promover o encantamento, a admiração.

### **Análise dos Discursos acerca da Cidade Maravilhosa**

Em "A Renovação do Encantamento"<sup>3</sup>, Gilbert Durand (1986, p. 49-60) se apoia na constatação de Max Weber de que a modernidade atingiu o desencantamento ao trilhar a racionalidade, para propor na modernidade o reencantamento das ciências a partir de uma subversão epistemológica sensível aos mitos nos processos sociais. Nos apropriamos de tal consideração para ousar uma análise dos discursos que emanam do imaginário da Cidade Maravilhosa. Nos discursos produzidos sob influência do título "Cidade Maravilhosa", destacamos a essência mitológica no exemplar e significativo, na fluidez das noções de tempo, na subjetivação da noção de espaço e no caráter performático e catártico do rito.

Em acréscimo ao investimento no mito, à guisa de compor uma análise imparcial de como os discursos sobre a cidade sintomatizam as tendências do campo econômico, político, cultural e social, escapamos de uma configuração maniqueísta ao

---

<sup>2</sup> Em 2003 o prefeito César Maia ratificou a canção como hino oficial do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Conferência proferida na Sorbone em 1986.

nos debruçarmos sobre as apropriações do título "Cidade Maravilhosa" por atores diferentes, sejam eles a prefeitura do Rio de Janeiro, o estado do Rio de Janeiro e a sociedade civil.

Tomamos primeiramente o Projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, na gestão do Prefeito Eduardo Paes, para comemoração dos 450 anos da cidade. Na condição de produtor de um discurso oficial da cidade, a prefeitura faz uso consciente e consistente da prerrogativa de selecionar o que deve ser lembrado, e o que convém ser esquecido. O projeto se enquadra na perspectiva ritualística de preservação da memória, numa ação orientada que opera no tempo kairós, do mito e do rito, o tempo da oportunidade, em detrimento do tempo kronos, newtoniano, linear, uniforme, e quantificável. A ação é de extrema argúcia e profundo conhecimento, pois afina com o título de Cidade Maravilhosa<sup>4</sup> uma promessa de experiência da cidade para o mundo e a de identidade para a população local, exaltando virtudes e encobrendo vicissitudes.

Como máquina produtora de discursos, a prefeitura investe na iniciativa de celebrar os 450 anos da cidade, numa operação de monta. Como símbolo produziu uma imagem que utiliza os números 4, 5 e 0 para compor uma expressão de satisfação. Para divulgação do projeto, tem uma *home page* que disponibiliza, entre outras informações, um link chamado marca. Nele há uma explicação do que é a marca, como foi elaborada, o que significa e um manual de como deve ser usada. Na explicação diz:

"... é uma expressão que, além da cara do carioca, é a cara da comemoração dessa festa. Uma proposta para provocar reflexões lúdicas sobre quem somos e o quanto amamos estar onde estamos. Ela foi pensada para resgatar o orgulho de pertencer, através de uma ideia simples e direta: se o carioca é multicultural, multiétnico e multifacetado, a marca deve espelhar tudo isso. (<http://www.rio450anos.com.br/conheca-a-marca/> em 19 de setembro de 2014)

---

<sup>4</sup> Além de Cidade Maravilhosa, o Rio de Janeiro o Rio coleciona outros títulos como o de Cidade Mais Feliz do Mundo, em pesquisa publicada pela revista Forbes, em 2009; Melhor Destino Gay Global, eleito pelo canal Logo, da MTV dos EUA, em 2009; primeira cidade do mundo a receber da UNESCO o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana, em 2012, e, mais recentemente, o prêmio de World Smart City 2013.

Na sugestão das reflexões lúdicas, a questão do pertencimento é uma importante chave de interpretação da atualidade. A economia é dita acelerada, as cidades mundiais, os espaços transitórios, as relações dinâmicas, a comunicação *just in time*, o mundo conectado. A almágama caleidoscópica das noções de tempo e espaço conferem novos significados para um vocábulo mais afinado com a pós modernidade. Tudo, todos e qualquer coisa estão sujeitos a instabilidades, persistentemente denominadas crises.

Em termos sociológicos, Bauman (2006, p. 5-9) aborda as reações dos indivíduos às inconstâncias da atualidade, assinalando caracteristicamente as crises de pertencimento. E que em virtude das inconstâncias, construímos e sustentamos referências para nossas identidades em trânsito, na tentativa de pertencer, no afã do conforto e segurança. No caso apresentado da comemoração dos 450 anos do Rio de Janeiro, a prefeitura trabalha com estoques de referências e memória capazes de forjar uma identidade, simulando a sensação de pertencimento.

Nossos estoques de memória e desejo de identidade não de agora são articulados pelo Estado, teorizados por especialistas, captados pelo mercado ou incorporados pela sociedade. E sofisticando a percepção do que é articulado por quem produz o discurso de memória, Nora (1981) opera uma distinção pertinente entre memória e história:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1981, p.9)

A consagração da memória como fenômeno susceptível às lembranças e esquecimentos no eterno presente pode ser verificada em relação ao Projeto de Comemoração dos 450 do Rio de Janeiro, por tratar-se explicitamente de um projeto instituído dentro do Programa de Valorização da Memória e da Cultura Popular Carioca. E em complemento ao aniversário da cidade, no âmbito do mesmo programa,

em 22 de Maio de 2014, o Prefeito Eduardo Paes publicou no Diário Oficial um Decreto que determina que os alunos das escolas da rede municipal de ensino cantem o hino oficial da cidade, "Cidade Maravilhosa", uma vez por semana. Diga-se de passagem, o apelo à memória como um fenômeno em atividade é tão imperioso que na vitalidade dos versos da música a cidade se perpetua como coração do Brasil, e nem se torna questão o fato do Rio de Janeiro não ser mais a capital da república.

Em suma, o projeto torna cabal a orientação do prefeito na dimensão cultural como instrumento de poder, caracterizando-o como um astucioso player no city market ao investir, solidificar e propagar uma imagem atraente e rentável da cidade. E o prefeito, na figura do poder público, não é o único ator a se valer do discurso em torno da Cidade Maravilhosa.

No imaginário em torno da Cidade Maravilhosa é notável o apelo à natureza na construção das paisagens e dos pontos turísticos. Conhecendo ou não a cidade, de olhos fechados qualquer um é capaz de descrever o Rio de Janeiro. E o estalo para o poder do imaginário não está exclusivamente na capacidade de descrever, mas na provável similaridade da maioria das descrições ao focarem elementos como o clima, as praias, a vegetação e os maciços. A eficiência discursiva torna-se perceptível nesta construção do Rio de Janeiro de sol, mares, florestas e montanhas animando desde os livros didáticos, passando pela literatura, maçantes nas imagens televisivas e intensos em panfletos turísticos.

Sem desconsiderar que nossas capacidades cognitivas são seletivas, fragmentárias e socialmente orientadas, o imaginário da cidade do Rio de Janeiro opera uma construção espacial paradoxal, como convém a um mito. As paisagens da Cidade Maravilhosa, de orla, centro histórico, florestas e montanhas não correspondem a mais que dez dos cento e sessenta bairros<sup>5</sup> da cidade do Rio de Janeiro. Nesta perspectiva o Rio de Janeiro é pequeno. No entanto, a identidade carioca abriga a todos os que se identificam com a cidade, sem se limitar pelos recortes geográficos, pelas divisões administrativas, por áreas de planejamento ou o que for, bastando o consenso em torno do mito. E tal é notável quando moradores de São Gonçalo, Niterói, Duque de Caxias ou demais cidades próximas se proclamam, sem reservas,

---

<sup>5</sup> Coelho Neto, suposto autor do título Cidade Maravilhosa, dá nome a um dos bairros apagados da geografia mítica da cidade.



cariocas. Por esta perspectiva a Cidade Maravilhosa é enorme, não se resumindo a cidade do Rio de Janeiro.

A perspectiva espacial descompassada com a geografia oficial alimenta discursos da maravilha para além da cidade do Rio de Janeiro, alastrando-se pelo estado. Firmes na confusão cognitiva e oportunos quanto a exploração do enredo maravilhoso, a Secretaria de turismo do Rio de Janeiro e a TurisRio criaram uma companhia cujo título é "Cidades Maravilhosas".

Considerando o estado do Rio de Janeiro como um segundo ator produtor de discursos acerca da Cidade Maravilhosa, ou de carona no título da Cidade Maravilhosa, refletimos a partir do seu discurso a maleabilidade da noção de espaço como uma característica inerente ao mito, adaptada aos mecanismos institucionais de promoção de cidades, criando, classificando e exaltando nelas atrativos turísticos, com objetivo de dinamizar as economias locais.

O estado do Rio de Janeiro foi dividido em seis regiões turísticas, sejam elas Metropolitana, Serra Verde Imperial, Costa do Sol, Costa Verde, Vale do Café e Agulhas Negras. A metropolitana é composta por duas cidades, Rio de Janeiro e Niterói. A Serra verde Imperial contempla Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, Guapimirim e Cachoeira de Macacu. A Costa do Sol composta por Búzios, Cabo Frio, Maricá, Rio das Ostras, Macaé, Saquarema, Araruama, Iguaba Grande, Casemiro de Abreu, São Pedro da Aldeia, Quissamã e Carapebus. A Costa verde por Angra dos Reis, Ilha Grande, Paraty, Mangaratiba, Iguaiá e Rio Claro. O Vale do Café, bem amplo, alcança Vassouras, Valença, Barra do Piraí, Rio das Flores, Miguel Pereira, Piraí, Paty do Alferes, Mendes, Paulo de Frontin, Barra Mansa, Volta Redonda, Paracambi e Pinheiral. E fechando, a Agulhas Negras agrupando Resende, Mauá, Itatiaia, Penedo (que no caso é um bairro de Itatiaia), Quatis e Porto Real.

Se no imaginário da Cidade maravilhosa o repertório é o de sol, mar, florestas, montanhas e história, as cidades maravilhosas são iguais e pretensamente classificadas por tais atributos. O pretensamente fica a cargo de outros critérios de peso na decisão de incorporar tais e tais cidades a um projeto que forja uma espécie de circuito maravilhoso, certamente estudados, tais como alianças políticas, interesses

privados, estrutura para acomodação, alimentação, segurança, transporte, equipamentos culturais, esporte, lazer, informações e outros.

Por último, mas não menos importante, toma-se a ação da sociedade civil na apropriação do discurso da Cidade Maravilhosa associada ao carnaval. Por vasta produção de significados e generosa literatura dando conta dos mais variados enquadramentos da festa popular, torna-se fundamental um recorte espaço temporal, para a partir de então nos aventurarmos numa análise discursiva.

Tomamos assim a criação da Cidade do Samba, na região portuária, por um lado inaugurando na cidade as tendências características de uma nova gestão urbana, alinhado aos imperativos de uma ordem econômica mundial, por outro lado prestigiando a apropriação simbólica do espaço pela cultura popular.

Na gestão do prefeito César Maia que teve início no ano 2000, além da continuidade de projetos de urbanização, cujo carro chefe foi o famoso Favela Bairro, era notável na agenda da prefeitura a preocupação com a educação e a cultura, a qual aqui enviezamos o olhar para concordar com Arantes (2000, p. 48) ao sentenciou sobre a versão urbana contemporânea que "(...) a cultura é parte decisiva do mundo dos negócios e o é como grande negócio". E entre os projetos mais emblemáticos dessa fase podem ser mencionados as Escolas Padrão, a construção do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas e a Cidade do Samba.

O projeto da Cidade do Samba teve início em 2003, e não se limitava à estrutura de uma espécie de condomínio para abrigar barracões das escolas de samba, no antigo bairro da Gamboa, tido como um dos berços do samba e da cultura popular carioca. Como um bairro cuja urbanização se dera incorporando estruturas sobre os moldes da cidade colonial, era fundamental adaptar as ruas adjacentes para o transporte das alegorias produzidas nos barracões até o Sambódromo, na avenida Presidente Vargas. Além disso, para comportar a demanda extra do complexo foi necessário remanejar o esgotamento sanitário e águas pluviais, o abastecimento de água, luz, gás e telefonia, visto que os existentes na região eram antigos e pouco eficientes.

Com este projeto César Maia afirmou que “a Prefeitura estava apenas demonstrando o reconhecimento pelo trabalho que as Escolas de Samba vêm fazendo, elevando o

prestígio do Rio de Janeiro no mundo inteiro”<sup>6</sup>. Tal declaração empondera a cultura popular, reconhecendo um espaço na cidade para a produção cultural, e se equaliza com os interesses do mercado mundial. Afinal, o conjunto de ações da gestão do prefeito já tem as nuances que evidenciam um plano estratégico, priorizando ações que tornem a cidade atrativa aos investimentos dos grandes e crescentes capitais mundiais.

No mandato do prefeito César Maia o Rio de Janeiro se integrou ao Centro Iberoamericano de Desenvolvimento Estratégico Urbano (CIDEU)<sup>7</sup>, uma associação entre cidades sediada em Barcelona que tem por objetivo impulsionar as cidades-membro à realização de planos estratégicos urbanos, como instrumento de ordenamento das cidades. E tal integração é apresentada pelo sociólogo Carlos Vainer como um momento simbólico da consolidação de uma nova coalizão de poder local:

Em 22 de novembro de 1993, a Prefeitura do Rio de Janeiro firmava com a Associação Comercial (ACRJ) e a Federação das Indústrias (FIRJAN) um acordo para a promoção do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. Em 4 de Fevereiro de 1994, 46 empresas e associações empresariais instauraram o consórcio Mantenedor do PECRJ, garantindo recursos para o financiamento das atividades e, particularmente, para a contratação de uma empresa catalã, de profissionais que iriam assumir a Direção Executiva do Plano, e de outros consultores privados. Em 31 de outubro do mesmo ano, em sessão solene, é instalado o Conselho da Cidade – “instância maior do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro”, segundo os termos constantes do convite assinado triplicamente pelos Presidente da ACRJ, da FIRJAN e do Prefeito. (VAINER, 2000, p. 105-106)

Pelo viés sócio cultural, podemos considerar o desfile de carnaval esboçando três frentes: a associativa, a inclusiva e a propagadora. A associativa por conta das agremiações que surgem em bairros, como grupos recreativos e culturais, promovendo a partilha de experiências e histórias, construindo significados, forjando uma identidade, simulando a sensação do pertencimento e subsidiando a ação política.

---

<sup>6</sup> Declaração feita por Cesar Maia ao mundo do samba, no canteiro de obras da Cidade do Samba. Mais informações podem ser obtidas em <http://cidadedosambarj.globo.com/2012/por/agosto.html> (visto em 18 de Outubro de 2014)

<sup>7</sup> O know how do CIDEU advém do plano estratégico posto em prática em Barcelona, graças a enormes aportes da comunidade européia, preparando a cidade para os Jogos Olímpicos de 1992. Os investimentos foram direcionados para a telecomunicação, saneamento, transportes, lazer e demais serviços ligados aos hotéis e empresas.

O inclusivo na orientação para ofícios, nas trocas de experiências e desenvolvimento de habilidades inerentes à produção do espetáculo, atuando tanto no caráter cumulativo da arte quanto no mercadológico da produção. Já a propagadora diz respeito a ordem da comunicação, ao poder de transmitir mensagens, de dizer sobre o mundo.

A comunicação é o elemento que então nos interessa para refletirmos sobre a relação entre os discursos do Carnaval e o da Cidade Maravilhosa. Conhecido nada modestamente como o maior espetáculo da terra, o carnaval carioca encena inequivocamente a maravilha, na medida em que desarticula a noção temporal, fala por metáforas e provoca o deslumbramento.

Primeiramente, trata-se de um período do calendário religioso, originalmente Grego, de agradecimento aos Deuses pela prosperidade, que posteriormente foi incorporado pelo catolicismo como um momento de pausa. A partir da Era Vitoriana o carnaval passou a ser reservado a desfiles, fantasias e as consagradas máscaras, sofisticando a performance, teatralidade e expressão de um tempo que se sobrepõe ao cotidiano.

Sobre seu discurso, dispensa o literal ao apelar para o brilho e representações metafóricas. Considerando o carnaval produzido como espetáculo, é mister assinalar a irreverência da população nos sambas enredos, fantasias e alegorias, que dão espaço para o cotidiano, as dificuldades, tristezas, alegrias e sonhos de elementos de camadas social e financeiramente desfavorecidas, como em um momento de isenção das estruturas opressoras.

Ritualisticamente, o carnaval está presente na cidade o ano inteiro, mas só acontece por alguns dias. Há meses de trabalho intenso, mas apenas dois ou três deles são reconhecidos e acompanhados pela mídia e, conseqüentemente, pela população. Mas quando acontece, os envolvidos fazem uma catarse e de trabalhadores sofredores se tornam membros da nobreza. Por seu turno, em uma manobra linguística, são imprestados conceitos, categorias e ideias associadas a nobreza, tais como rei, rainha, princesa, mestres, manto, cedro, tradição e império, sem economizar no brilho, glamour e reverências, para conferir significado à encenação.

E consubstanciando a metalinguagem da Cidade Maravilhosa, o samba enredo da Poarela, uma das Escola de Samba do Grupo Especial, do ano de 2015 em que a

cidade comemora 450 anos, é "Rio, 450 anos de felicidade", de autoria Noca da Portela, Celso Lopes, Charles André, Vinicius Ferreira e Xandy Azevedo, Na letra da música os versos "Feliz cidade sem igual / paraíso divinal", retratando a cidade em traços surreais, reiteram a abertura do inconsciente para as formas representativas, para a atividade criativa.

E o notável do carnaval como expressão popular característica e espetacular da Cidade Maravilhosa a conjunção do deslocamento temporal, elaboração discursiva, metalinguagem e existência ritualística como uma retroalimentação entre a cultura popular como resistência e o discurso da cidade maravilhosa como forma pronta das forças hegemônicas. Em síntese nos vale a contribuição de Marilena Chauí (2000, p. 5-6) que considera o mito tanto no sentido de uma narração pública dos feitos lendários da comunidade, como no sentido de uma narrativa como solução imaginária para os conflitos e contradições que no nível da realidade não encontram soluções.

### **Considerações**

No presente trabalho buscamos uma origem e percurso para as ideias que alimentaram um imaginário maravilhoso e o título de Cidade Maravilhosa para o Rio de Janeiro. Por fim, analisamos discursos de atores distintos inspirados na Cidade Maravilhosa, por uma perspectiva mítica. Para tal, apreendemos o mito como um discurso, mas não como um discurso qualquer. O mito fora caracterizado como uma fala não objetiva, mas significativa, que opera de modo próprio nas noções de tempo e espaço e é capaz de revelar algo da sociedade em que é criado e tem circularidade, informando pensamentos e comportamentos.

Ao sabor dos imperativos de uma ordem econômica mundial o Rio de Janeiro entra em cena em uma disputa por atrair investimentos e capitais. Nela, novos padrões de gestão urbana são propostos, defendidos, negociados e alaistrados por discursos que internamente ampliam consensos e abafam conflitos, e externamente criam e exaltam atrativos para demandas turísticas e de investidores.

Nesse contexto, o prefeito do Rio de Janeiro, como um astucioso player no *city marketing*, faz uso consciente da prerrogativa de produzir um discurso oficial da Cidade Maravilhosa que completa 450, investindo na cultura como elemento motriz na dinamização da economia. O governo do estado pega carona na confusão cognitiva

entre o Rio de Janeiro como Cidade Maravilhosa e o Rio de Janeiro de Cidades Maravilhosas para fomentar o turismo. E a sociedade civil a partir de uma expressão da cultura popular se investe do direito de produzir sua versão insurgente da cidade. Entre o discurso do prefeito e o do carnaval, os 450 anos e a Cidade Maravilhosa são os mesmos, não havendo verdade ou mentira, tão somente versões que se assemelhariam muito, não fossem distintos os atores, objetivos e recursos em uma conjuntura de tensões entre um projeto de cidade para um mercado mundial e o anseio da constituição e gozo pleno da cidadania.

### Referências Bibliográficas

- Chauí, Marilena. 2000. *Brasil — Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- Costa, Haroldo. 2001. *100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo, Irmãos Vitale.
- De Almeida, Aline Gama; NAJAR, Alberto Lopes. Cidade Maravilhosa e Cidade Partida: notas sobre a manipulação de uma cidade deteriorada. RUA [online]. 2012, no. 18. Volume 1 - ISSN 1413-2109
- Eliade, Mircea. 1989. *Paraíso e utopia: geografia mítica e escatológica*. In: \_\_\_\_\_. *Origens. História e sentido na religião*. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70.
- Giucci, Guilherme. 1992. *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Halbwachs, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais/ Vértice.
- Huysen, Andreas. 2000. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, Rio de Janeiro, Aeroplano.
- Laplantine, François & Trindade, Liana. 2003. *O que é imaginário*. São Paulo, Brasiliense.
- Nora, Pierre. 1981. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*. IN: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP.
- Peixoto, Paulo. 1995. *A sedução do consumo. As novas superfícies comerciais urbanas*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 43, 147-170.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Desafios à cultura urbana no contexto da economia das experiências e das narrativas interativas*. In Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Aníbal de Almeida, ed. António José Avelãs Nunes, Luís Pedro Cunha e Maria Inês de Oliveira Martins, 821 – 839. ISBN: 9789723220667. Coimbra: Coimbra Editora, 2012.
- Sánchez, Fernanda. 2012. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó / SC, Ed. Argos.

